

Dossiê

**Formação e ensino de História da Psicologia
em países ibero-americanos****Estágio docente em história da psicologia: Ensino e
formação de pesquisadores****Teaching Practice in History of Psychology: education and research
training****José Felipe Vitor Machado** <https://orcid.org/0009-0003-5173-9550>**Anna Caroline Pott** <https://orcid.org/0000-0002-8624-6225>**Filipe Degani-Carneiro** <https://orcid.org/0000-0001-6643-8425>Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil**Resumo**

Este trabalho apresenta relato de experiência de estágio docente de mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no ensino de História da Psicologia no curso de graduação em Psicologia dessa universidade. São discutidas reflexões teórico-metodológicas que fundamentam as escolhas didáticas que adotamos em nosso fazer como docentes regentes da disciplina e docentes estagiários. De igual modo, apresentamos exemplos de atividades realizadas nas disciplinas de graduação. A posição que sustentamos é de que não há formação adequada de pesquisadores em História da Psicologia que não passe por treinamento docente, uma vez que consideramos que a formação de psicólogos é, por excelência, o campo de aplicação e circulação do conhecimento historiográfico da Psicologia.

Palavras-chaves: ensino da psicologia; ensino superior; pós-graduação; história da psicologia.

Abstract

This work presents a report on the teaching practice experience of master's and doctoral students at the Postgraduate Program in Social Psychology at the State University of Rio de Janeiro (UERJ) in History of Psychology teaching in the undergraduate Psychology course at this university. The theoretical-methodological reflections that underlie the didactic choices adopted by us in our roles as course instructors and practicing teachers are discussed. Likewise, we present examples of activities carried out in undergraduate courses. Our position is that there is no adequate training for researchers in the History of Psychology that does not involve teacher training, as we consider the training of psychologists to be, par excellence, the field for the application and dissemination of historiographical knowledge of Psychology.

Keywords: psychology education; higher education; postgraduate training; history of psychology.

A relevância do ensino de História da Psicologia na formação de psicólogos é um assunto quase consensual, ainda que comporte algumas importantes reflexões. É bem verdade que esta relevância está incontestavelmente expressa nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), que preveem como o primeiro dos eixos estruturantes do curso de graduação em Psicologia os “Fundamentos epistemológicos e históricos da Psicologia, que permitam ao estudante o conhecimento e análise crítica das bases epistemológicas do saber psicológico” (Conselho Nacional de Educação, 2023). No entanto, a tradução da normativa legal nas práticas concretas de ensino-aprendizagem não é automática e enfrenta comumente alguns riscos para a consecução de seu objetivo de proporcionar conhecimento e análise crítica.

Em seu levantamento nos dados do Portal e-MEC, Silva (2020) localizou, dentro da quantidade amostral delineada, 123 instituições de ensino superior (IES) que possuíam componente curricular com a denominação *História da Psicologia*. Flores et al. (2020) apontam que o ensino de História da Psicologia é obrigatório nos cursos de graduação em Psicologia no Brasil, o que não se observa em alguns países do hemisfério norte, como por exemplo, Estados Unidos e Canadá. Outras IES apresentam disciplinas de História da Psicologia em cursos de pós-graduação, como na experiência relatada por Loureiro e Baptista (2007).

De fato, é comum encontrar conteúdos de História da Psicologia em disciplinas dos semestres iniciais dos currículos dos cursos de Psicologia, uma vez que se atribui tradicionalmente à História da Psicologia um caráter básico, com a função de apresentar uma sucessão histórica de teorias, sistemas, conceitos, personagens e fatos de destaque. Um cenário semelhante à metáfora apresentada por Portugal et al. (2018), questionando se estudar a História da Psicologia seria como visitar um museu:

Passam de galeria em galeria, contemplando os fatos e observando os artefatos, sem questionarem a razão pela qual as coisas foram arrumadas daquela forma. Ou ainda, os motivos que levam certos quadros para as vitrines principais e outros para *stands* em vestíbulos secundários. Como se sabe, os museus mais tradicionais apresentam uma História celebratória e monumental. É a História dos grandes nomes e dos grandes temas. [...] A galeria de autores relevantes das linhas da Psicologia, analogamente, se assemelha a de um museu clássico com seus quadros divididos por escolas [...]. Com a irônica ressalva, é claro, de que em tais museus não há jamais brasileiros nas paredes e nos pedestais. A eles cabe apenas a função de figurarem entre os visitantes que transitam pelos corredores, observando a “arte universal” (Portugal et al., 2018, pp. 13-14).

Alguns problemas sistêmicos contribuem para a recalcitrância desta concepção de *história-museu*. Um deles certamente é a adoção de livros-textos estrangeiros traduzidos para o português como referências principais das disciplinas de História da Psicologia. Em geral, são livros editados por editoras comerciais, com maior penetração no mercado editorial, especialmente tendo como clientes as grandes corporações do ensino superior privado. Em que pese os méritos específicos

que cada uma destas obras tenha individualmente, o fato de serem da lavra de autores estrangeiros acarreta na ausência de conteúdos sobre a História da Psicologia no Brasil. Isto favorece a reificação da visão de que as Psicologias de origem norte-americana (especialmente) e europeia seriam “a Psicologia universal”.

Outro problema se refere à precarização do ensino de História da Psicologia (que se inscreve num contexto maior de precarização da formação). Não raras vezes, os conteúdos de disciplinas referentes aos aspectos históricos, filosóficos e sociológicos são considerados “básicos” (como se fossem qualitativamente menos necessários que disciplinas “profissionalizantes”) e, por isso, tem sofrido redução de sua carga horária nos currículos; ou ainda, transformadas em componentes curriculares oferecidos à distância. Outra face desta desvalorização é a transformação de História da Psicologia em uma disciplina “coringa” – que pode ser ministrada por qualquer docente (geralmente, aqueles iniciantes na IES ou com vínculo temporário; ou ainda, aqueles que precisam completar sua carga horária por quaisquer motivos), sem que se garanta que este docente tenha formação específica adequada para ministrar a disciplina.

Ambos os problemas – falta de material didático e de formação docente adequados – acarretam em práticas de ensino que tendem a perpetuar um enfoque do fenômeno psicológico como universal, abstrato e deslocado dos processos socioculturais que o constituem. Uma postura a-histórica, portanto, que se soma ao massivo desconhecimento ou indiferença que usualmente os brasileiros possuem em relação à sua própria história, bem como aos efeitos decorrentes da posição que ocupamos na periferia da ciência. O resultado da combinação destes processos implica na persistência de uma sobrevalorização do pensamento estrangeiro em detrimento do conhecimento de produção autóctone, inclusive no campo da ciência psicológica e da formação em Psicologia (Jacó-Vilela & Degani-Carneiro, 2024).

Rudá et al. (2024) apontam para a importância no reconhecimento das bases históricas e epistemológicas numa postura crítica e ética da Psicologia, em especial, ao considerarmos a atuação profissional em políticas sociais. A falta de discussões históricas e epistemológicas nos currículos de graduação em psicologia implicaria no desenvolvimento de modos de atuação profissional, de orientação tecnicista, marcados pela “desconsideração do caráter histórico e social dos fenômenos humanos tratados pela psicologia e a adoção de referenciais insuficientes para a adequada intervenção nos contextos específicos das políticas sociais” (pp. 2-3). Por outro lado, concordamos com a avaliação dos autores, acrescentando que seu alerta se faz presente, também – e sobretudo – nos contextos profissionais clássicos, marcados pela atuação como profissional liberal, em consultórios privados ou outros contextos organizacionais.

Por que, então, estudar a História da Psicologia? Esta é uma pergunta frequentemente feita nas aulas iniciais dos cursos desta disciplina ou nos livros-textos sobre a matéria (Mota et al., 2018) e que exige reflexões que fujam da clássica

afirmação decorrente da já mencionada *história-museu*: “conhecer o passado para entender o presente”. Antunes (1989), por exemplo, diversifica a resposta à indagação do porquê estudar História da Psicologia, identificando três aspectos pelos quais se deve considerar a historicidade na análise do fenômeno psicológico:

- a. O desenvolvimento interno da Psicologia: Como surgiram as primeiras preocupações com os fenômenos psicológicos, como estes eram definidos e quais eram os principais focos de atenção?
- b. A fundamentação filosófica da Psicologia: Como as diferentes concepções sobre o homem e sobre o mundo desenvolveram a diversidade de teorias, conceitos, métodos e formas de se definir o objeto de estudo da Psicologia?
- c. As determinações externas à Psicologia: Quais fatores de âmbito social, econômico, político, cultural e geográfico são condições que determinaram e que foram determinadas pela produção do conhecimento psicológico? Como e por que determinadas verdades científicas foram produzidas em detrimento de outras?

Ressalte-se que, ao fazer menção ao desenvolvimento “interno” e às determinações “externas”, compreendemos que esta distinção atende apenas a fins didáticos, considerando a superação da oposição entre internalismo e externalismo pela História das Ciências – justamente a partir da consideração de impossibilidade de uma definição estrita do que seria a “ciência” (considerando especialmente a porosidade da fronteira entre as disciplinas científicas) e aquilo que estaria “fora dela” (Jacó-Vilela et al., 2022, p. 19). Na verdade, tais considerações apontam inclusive para outro importante motivo do estudo da História da Psicologia: compreender e problematizar os limites que historicamente deram contorno a esta disciplina, tanto no que se refere a seus objetos, quanto dos saberes e práticas que a compuseram/compõem.

O objetivo do presente trabalho é apresentar, analisar e discutir, tanto do ponto de vista conceitual quanto didático, a experiência de pesquisadores vinculados ao Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no ensino de História da Psicologia para estudantes de graduação. Em particular, nosso enfoque reside na experiência do estágio docente realizado por mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS) da universidade. Entendemos que o estágio docente é não somente uma etapa imprescindível no percurso formativo destes estudantes enquanto pesquisadores e futuros docentes do ensino superior, como um importante eixo de análise para observar a posição que sustentamos em nossa prática enquanto psicólogos-historiadores (Vaughn-Johnson et al., 2009): a formação de psicólogos é o principal campo de aplicação do conhecimento produzido em História da Psicologia.

Nesse sentido, vamos discutir inicialmente sobre o cenário contemporâneo da pós-graduação em Psicologia no Brasil, com ênfase na formação de pesquisadores e professores. Em seguida, analisaremos o contexto em que nossa experiência se processa: o curso de graduação em Psicologia e o PPGPS/UERJ. Por fim, discutiremos a experiência do primeiro autor (doutorando) e da segunda autora (mestranda) como estagiários docentes em disciplinas de graduação ministradas pelo terceiro autor.

A pós-graduação em Psicologia no Brasil e o Estágio Docente

A qualificação do professor é tida como um dos aspectos mais desafiadores do ensino no Brasil, sendo necessário rever o papel do docente nesse processo, em ordem de melhor qualificá-lo. Tal desafio se apresenta em todas as instâncias de ensino, especialmente na pós-graduação: historicamente, um dos principais objetivos traçados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para o sistema brasileiro de pós-graduação foi justamente o treinamento e qualificação de profissionais, pesquisadores e docentes, visando à maior qualidade na educação universitária.

Acrescente-se, ainda, que o funcionamento regular dos cursos de pós-graduação constitui imperativo da formação do professor universitário. Uma das grandes falhas de nosso ensino superior está precisamente em que o sistema não dispõe de mecanismos capazes de assegurar a produção de quadros docentes qualificados. (...) Por isso mesmo o programa de ampliação das matrículas dos cursos superiores supõe uma política objetiva e eficaz de treinamento adequado do professor universitário. E o instrumento normal desse treinamento são os cursos de pós-graduação (Conselho Federal de Educação, 1965, p. 165).

Nesse sentido, o estágio docente se apresenta enquanto uma das ferramentas empregadas na formação de docentes. A prática docente não se limita ao domínio do conhecimento específico, mas também abrange um conjunto de habilidades e competências de ensino que são essenciais para qualificar a formação dos professores (Joaquim et al., 2013). Nos cursos de pós-graduação, observamos que os conhecimentos pedagógicos não possuem um espaço de importância (Bastos et al., 2011), refletindo em uma preparação insuficiente para os desafios da sala de aula. O comum é que outras frentes ganhem destaque, visto que além de ministrar aulas, as funções do docente de ensino superior incluem atividades de pesquisa e extensão, o que contribui para a necessidade de uma formação ampla e diversificada, que muitas vezes oferece pouco espaço à atividade docente.

Com isso, temos um antagonismo a ser enfrentado pelos programas de pós-graduação: a formação conjunta de pesquisador e docente. A ênfase na produção de dissertações e teses – bem como as exigências de produtividade induzida pela avaliação dos Programas pela CAPES – orienta a estrutura curricular predominantemente para a pesquisa, não havendo espaço para disciplinas e práticas voltadas à

docência (Bastos et al., 2011). Isso resulta em um desequilíbrio, onde a formação para a pesquisa se sobrepõe à formação para a docência.

Desde o III Plano Nacional de Pós-Graduação (1986-1989), a formação para a pesquisa tem sido uma preocupação crescente, refletindo o incremento do investimento em ciência e tecnologia e a busca por autonomia científica. Apesar disso, a formação em docência nunca foi abandonada enquanto objetivo da pós-graduação *stricto sensu* – uma vez que os cursos de pós-graduação foram constituídos tendo como objetivo atender à expansão do ensino superior que necessitava de mão de obra qualificada (Tourinho & Bastos, 2010).

Yamamoto (2006) discorre sobre essa relação entre a pós-graduação e o estágio docente, destacando que os discentes de programas de pós-graduação, em especial os bolsistas CAPES, dada à obrigatoriedade, dedicam parcela de sua trajetória acadêmica à prática do estágio docente. Diversos programas têm relatado que os alunos buscam ativamente participar de disciplinas destinadas ao treinamento didático. Algumas instituições têm adotado modalidades de treinamento e orientação, onde os alunos de pós-graduação desenvolvem competências de orientação, beneficiando tanto os discentes de graduação, quanto os futuros docentes (Yamamoto, 2006).

É certo que a formação do professor de ensino superior requer um conjunto amplo de competências, integrando conhecimentos diversificados e muitas vezes mal articulados nas propostas curriculares. A pós-graduação, centrada na formação do pesquisador, muitas vezes não prepara adequadamente o futuro docente para articular seus conhecimentos específicos com as necessidades de formação dos alunos de graduação (Bastos et al. 2011). Nesse sentido, a prática de estágio docente na pós-graduação oferece uma importante oportunidade de formação e aprendizagem.

No PPGPS/UERJ, o estágio docente é obrigatório para discentes dos cursos de mestrado e doutorado que não tenham experiência prévia como docentes de ensino superior. As atividades docentes devem ser realizadas em curso de graduação da UERJ, de acordo com a combinação entre o(a) estudante e seu(sua) orientador(a), com cargas horárias diferentes para mestrado (mínimo de um semestre e máximo de dois semestres em disciplinas de no mínimo 15 horas/aula) e doutorado (mínimo de dois semestres e máximo de três semestres em disciplinas de no mínimo 30 horas/aula). As atividades do estágio docente realizadas pelos(as) estudantes são supervisionadas pelo(a) orientador(a) e envolvem desde o planejar o plano de curso e ministrar aulas até corrigir atividades avaliativas. Destaca-se que, em ambos os casos, os bolsistas deverão realizar outras atividades (orientação de monografias, orientação de estudantes de Iniciação Científica, supervisão de estágio etc.), sendo estas opcionais aos não-bolsistas. Dada a importância da experiência para a formação profissional de futuros docentes, não raro, discentes que já possuem experiência em sala de aula realizam também o estágio docente, de forma

a qualificar ainda mais sua formação e ensino. Considerando que, no âmbito do PPGPS-UERJ, o estágio docente é realizado no curso de graduação em Psicologia, discorreremos a seguir sobre características deste curso e de seu alunado.

A formação em Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O curso de graduação em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro teve sua origem na antiga Universidade do Estado da Guanabara (UEG), sendo oficialmente criado em 20 de março de 1964, por iniciativa do Prof. Hanns Ludwig Lippmann (1921-1981) – que fora também em 1953 o criador do curso da PUC-Rio, o primeiro curso de graduação em Psicologia criado no Brasil (Jacó-Vilela et al., 2019). Esta criação ocorreu em um período de expansão dos primeiros cursos de Psicologia no Ensino Superior, apenas dois anos após a regulamentação da profissão, destacando-se como uma das primeiras universidades públicas a instituir um curso de graduação em Psicologia (Mancebo & Rieche, 1998).

Por iniciativa do professor Celso Pereira de Sá (1941-2016), que se consolidaria como um dos principais pesquisadores brasileiros no campo da Teoria das Representações Sociais, foi criado em 1991 o primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* no IP, o então Mestrado em Psicologia e Práticas Socioculturais, atual Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (PPGPS). Em 2001, o curso de doutorado foi inaugurado (Machado, 2023; Santos, 2024). Avaliado com nota 5 pela CAPES (Avaliação Quadrienal 2017-2020), este programa tem facilitado um processo enriquecedor de interação com os cursos de graduação, uma vez que a maioria das equipes de pesquisa inclui tanto alunos de graduação quanto de pós-graduação.

Fato relevante que conforma a realidade da formação em Psicologia na UERJ é o fato dessa Universidade ser a primeira IES pública no Rio de Janeiro a ter aulas noturnas – o que foi implantado ainda na década de 1960 – destinadas eminentemente para estudantes trabalhadores (Mancebo, 2016). Ainda hoje, a UERJ é a única IES pública no estado do Rio de Janeiro que oferece graduação em Psicologia no turno noturno. Outro passo histórico da UERJ em direção à inclusão das classes trabalhadoras no ensino superior foi o pioneirismo nacional na implantação em 2002 da reserva de vagas para pessoas negras e indígenas (20%), pessoas oriundas de Ensino Médio na rede pública (20%) e pessoas com deficiência (5%).

Ambos os fatos implicam na constituição de um alunado do curso de Psicologia com uma composição mais diversa em termos socioeconômicos, étnico-raciais e também demográficos – o curso noturno possibilita maior entrada de estudantes de maior idade, bem como provenientes de diferentes municípios da Região Metropolitana –, ao mesmo tempo que chamam a atenção para a importância de políticas efetivas de assistência e permanência estudantil.

Anualmente, são oferecidas 96 vagas no Vestibular, sendo 48 no primeiro semestre (turno noturno) e 48 no segundo semestre (turno vespertino). A procura

pelo curso tem crescido exponencialmente nos últimos anos. Trata-se atualmente do curso que tem a segunda maior relação candidato-vaga na UERJ (abaixo apenas de Medicina): em 2018, esta relação era 10,6, crescendo para 71,9 em 2022 (Universidade do Estado do Rio de Janeiro [UERJ], 2023).

O relato de experiência

O relato de experiência de que trata o artigo apresenta as experiências de estágio docente realizadas pelo primeiro autor durante o Mestrado (no ano de 2021) e o Doutorado (no ano de 2023) e pela segunda autora durante o Mestrado (no primeiro semestre de 2024), sob a supervisão do terceiro autor, professor regente da disciplina em todas estas ocasiões. Cabe ressaltar que tanto o docente como os estagiários integram a equipe do Clio-Psyché – Laboratório de História e Memória da Psicologia, um centro consolidado e amplamente reconhecido nacional e internacionalmente por sua dedicação ao ensino e à pesquisa em História da Psicologia. Associado ao Laboratório, está a Biblioteca CEH/E – Clio-Psyché na Rede Sirius de Bibliotecas da UERJ, que preserva o acervo bibliográfico e arquivístico acumulado pelo Laboratório ao longo dos anos. Toda a infraestrutura do Laboratório e notadamente do acervo da Biblioteca está à disposição do planejamento e da execução das disciplinas de graduação.

No currículo de Psicologia da UERJ em vigor atualmente (implantado em 2010), há duas disciplinas com temáticas de História da Psicologia, denominadas *Emergência e Constituição da Psicologia Científica* (1º período) e *Psicologia do Século XX à Contemporaneidade* (2º período). Ambas possuem carga horária de 60h cada.

De acordo com as diretrizes do PPGPS/UERJ, o estágio docente é obrigatório para os discentes que não estejam lecionando no ensino superior durante o período. As disciplinas são ministradas por docentes efetivos e contam com a presença de discentes de pós-graduação. No caso específico das disciplinas de História da Psicologia, a orientação é que os estagiários participem do acompanhamento de toda a disciplina, atuando no planejamento do curso, participando de todas as aulas, atuando como monitores, tirando dúvidas dos estudantes e os auxiliando na realização de trabalhos, ministrando ao menos uma aula expositiva por semestre (em tema de sua escolha) e colaborando na avaliação dos trabalhos dos estudantes.

Ao relatar sua primeira experiência na docência ministrando a disciplina de História da Psicologia, Matos (2011) aponta alguns desafios presentes ao tomar por referência a trajetória acadêmico-profissional:

Um deles a quem se deve dirigir a narrativa? Outro, como a prática profissional do exercício da docência pode ser narrada enquanto prática de cultura? Como as práticas de ensino, pesquisa e extensão podem compor um texto que comunique a experiência do vir a ser a que todo experimento de docência nos expõe? Como dizer da docência se sua pragmática é também ato de criação, de invenção e

contingência? E, como fazer texto daquilo que é também valor? E, ainda, como dar forma ao texto de uma trajetória acadêmica numa dada prática de ensino? Como tornar visível a potência das descontinuidades para a produção de modos de ensinar conhecer História da Psicologia? (Matos, 2011, p. 626).

Apesar da existência de um plano geral para as duas disciplinas, oriundo das orientações que constam no currículo, a cada semestre, discute-se, entre o docente e os estagiários docentes, um planejamento específico com novas leituras e avaliações visando à atualização do conteúdo e ao aperfeiçoamento das estratégias didáticas, notadamente no que se refere às leituras, avaliações e dinâmica de aulas específicas. Em geral, predomina-se o uso de aulas expositivas – considerando especialmente que são estudantes dos períodos iniciais –, utilizando recursos como PowerPoint e promovendo a interlocução com os alunos. Em algumas aulas, esta dinâmica se altera, com a proposição de debates e apresentações, por parte dos alunos.

Alguns exemplos de atividades realizadas são: a) avaliações por meio de trabalhos em grupo que envolvem pesquisa e sistematização de dados para apresentação; b) passeios culturais pela região central da cidade do Rio de Janeiro, visando articular a história dos saberes *psi* com lugares de memória da própria cidade; c) o projeto de extensão Cine Clio-Psyché, que consiste em exibição mensal de filmes que abordam temas históricos e/ou psicossociais, contando com a presença de um convidado que debata o filme com o público (que, em sua maioria, são os alunos das disciplinas de História da Psicologia).

A respeito dos trabalhos, em geral, evita-se o uso de provas, privilegiando que os trabalhos individuais sirvam ao propósito de aprimorar a escrita formal dos estudantes, visto à necessidade dessa habilidade na vida acadêmica e profissional dos estudantes. Entendemos ser parte de nossa função docente proporcionar esse treinamento para a escrita. Costuma-se exigir a resenha de em torno de três textos, dentre os indicados como referências das aulas da disciplina. São informados aos alunos os critérios de avaliação dos textos escritos que são: a) Conteúdo (50% da nota); b) Apresentação (15% da nota); c) Linguagem (15% da nota); d) Contribuição crítica (20% da nota). Por vezes, são solicitadas resenhas que analisem os passeios culturais ou filmes exibidos nas sessões do Cine Clio-Psyché.

No que se refere aos conteúdos trabalhados, bem como aos objetivos delineados para a disciplina, conforme mencionado em trabalho anterior (Jacó-Vilela & Degani-Carneiro, 2024), a nosso ver, o objetivo central do ensino de História da Psicologia é desnaturalizar as teorias e práticas pertencentes ao campo da disciplina, proporcionando aos estudantes a construção de uma visão historicizada e crítica sobre o saber psicológico. Para tanto, enfatiza-se não apenas a historicidade da categoria moderna de indivíduo (considerando a sua centralidade na constituição das teorias psicológicas), como também a contextualização histórico-cultural das teorias de origem estrangeira, com especial atenção ao seu processo histórico de

recepção e circulação no Brasil.

A seguir, examinamos a ementa da disciplina *Emergência e Constituição da Psicologia Científica*, ministrada no 1º período (Tabela 1):

Tabela 1

Ementa da disciplina "Emergência e Constituição da Psicologia Científica"

Disciplina: Emergência e Constituição da Psicologia Científica

Carga 60h

Horária:

Ementa: A hegemonia da explicação teológica na Idade Média e a nova compreensão do problema alma-corpo: o racionalismo e o mecanicismo. O empirismo e o associacionismo britânico. Wolff e a Psicologia Racional e Empírica. A crítica de Kant à Psicologia Racional. A psicologia alemã: a consciência, processos psicofisiológicos e processos psicossociais. A psicologia francesa e a psicopatologia. O projeto de uma “nação moderna” no Brasil Imperial. O estruturalismo norte-americano. O funcionalismo norte-americano e europeu.

Objetivos:

- * Compreender o processo de constituição de uma disciplina científica e sua separação dos demais saberes.
- * Analisar a constituição da Psicologia como disciplina no mundo ocidental como decorrente não só das transformações teóricas e metodológicas do pensamento nos últimos quatro séculos, mas também das mudanças políticas, econômicas e socioculturais.
- * Analisar as formas de recepção da Psicologia no Brasil.

Como visto, a disciplina aborda desde as ideias psicológicas presentes na filosofia ocidental até o processo de constituição da chamada Psicologia Científica na Europa e sua recepção no Brasil. A fim de atender aos objetivos, o conteúdo programático se distribui em quatro unidades de ensino, sendo elas:

- I. *Psicologia, seus objetos e sua historicidade*, que discute os objetos da Psicologia e como o estudo da história auxilia a compreensão da diversidade de teorias, conceitos e perspectiva que constitui a disciplina;
- II. *O indivíduo na Modernidade: a constituição da subjetividade privada*, que apresenta como as transformações históricas ocorridas na Modernidade europeia conformaram a emergência da categoria moderna de Indivíduo e, com ele, a valorização da subjetividade privada. Nesta Unidade, discute-se tantos debates intelectuais (tais como Racionalismo X Empirismo e Iluminismo x Romantismo) como transformações na vida cotidiana (p.ex., na infância, na loucura, no trabalho, nas relações de gênero) ocorridas na Modernidade foram

condições de emergência da ciência psicológica;

- III. *Constituição da Psicologia como ciência em seus múltiplos contextos*, que examina as diferentes psicologias científicas que emergiram no século XIX, tais como a Psicologia Experimental alemã, de Wilhelm Wundt, o Funcionalismo norte-americano e europeu, a Psicologia Comparada e Diferencial inglesa e a Psicopatologia francesa;
- IV. *A emergência da Psicologia Científica no Brasil*, que analisa desde as ideias psicológicas no Brasil Colonial até a apropriação da Psicologia Científica europeia, notadamente pelos médicos.

O livro-texto básico empregado nas duas disciplinas é *História da Psicologia: Rumos e Percursos* (Jacó-Vilela & Portugal, 2006), que se destaca como o primeiro manual didático de História da Psicologia produzido originalmente no Brasil, o que – por motivos já mencionados – julgamos fundamental para subsidiar a transmissão da perspectiva historiográfica que desejamos. No entanto, outros capítulos de livro e artigo são empregados, à medida em que se constituem textos que abordem mais profundamente e/ou com linguagem mais didática um determinado tema. Algumas destas autoras e autores trabalhados são: Alberti (1999), Araújo (2009), Figueiredo (2007), Gould (2001), Jacó-Vilela (2001), Schwarcz (1993).

As avaliações foram pensadas, visando a desenvolver competências acadêmicas e raciocínio crítico dos estudantes. Nessa disciplina, os alunos são orientados a realizar um seminário em grupo sobre as condições de emergência da Psicologia. A turma é dividida em grupos de até dez pessoas, a partir dos seguintes temas: 1) loucura, 2) infância, 3) modo de produção capitalista, 4) gênero e família burguesa, 5) espaço público vs. espaço privado. A partir disso, os alunos produzem uma apresentação de slides sobre a temática, considerando as referências indicadas, e apresentam o trabalho em pequenas “rodinhas”, onde há um representante de cada grupo. Assim, busca-se fugir do formato convencional de “seminários”, em que cada aluno fica responsável por uma pequena fração da apresentação produzida pelo grupo. A ideia é que os alunos ensinem uns aos outros e promovam discussões que contribuam para a consolidação do conhecimento na disciplina. Isso costuma auxiliar também estudantes mais tímidos ou inseguros, pois em vez de apresentar em pé na frente de toda a turma, eles apresentam em um modelo mais horizontal, entre seus colegas.

Enquanto os estudantes apresentam, o professor responsável e o(s) estagiário(s) docente(s) circulam entre os grupos, monitorando o andamento da atividade. Nesta atividade, podemos observar que os alunos se dedicam em suas apresentações, tanto nos slides quanto nas falas, buscando fazer correlações entre os temas e temáticas atuais. Ao final, questionamos alguns grupos sobre a atividade, buscando perceber se eles notaram o encadeamento entre os temas abordados, bem como sua conexão com os debates em sala de aula.

As demais três avaliações são compostas por resenhas que deverão ser entregues a partir dos textos de cada unidade de ensino, constituindo assim a nota final do aluno. O objetivo das resenhas é desenvolver a capacidade de análise crítica dos estudantes. Para tanto, orientamos que durante a elaboração das resenhas, utilizem o guia para a análise histórica de textos psicológicos, disponível no manual de metodologia em história da psicologia de Rosa & Blanco (1996).

Os estudantes devem selecionar um texto para análise, reunindo informações sobre a autoria e o contexto de produção, destacando os pontos mais relevantes e apresentando suas impressões críticas, sejam elas positivas e/ou negativas. Além disso, os alunos têm a possibilidade de relacionar o texto escolhido com outras experiências e observações, sejam elas diretamente ligadas à disciplina ou não, enriquecendo assim a análise e promovendo uma compreensão mais ampla e contextualizada do conteúdo estudado.

Ao corrigirmos a primeira leva de resenhas, normalmente nos deparamos com dificuldades na apresentação formal do conteúdo, as quais podem ser reflexo de defasagens de ensino ou de imaturidade acadêmica, considerando que parte dos estudantes está ingressando na universidade pela primeira vez. No entanto, a experiência de correção vai além das dificuldades apresentadas. É comum que os alunos busquem sanar dúvidas em relação à execução das atividades, questionando a produção dos textos. Ademais, notamos que os discentes variam na escolha textual, de forma que a turma não escolhe sempre o texto mais curto ou menos complexo. Pelo contrário, alguns alunos se desafiam ao apresentar suas resenhas referentes a leituras mais difíceis, demonstrando uma atitude proativa e uma disposição para enfrentar desafios acadêmicos. É notável observar como nas últimas resenhas entregues, não somente a qualidade do texto é, em média, sensivelmente melhor, como também isso se reflete nas notas.

A disciplina ainda conta com uma avaliação complementar baseada na relação entre conteúdos da disciplina e a história cultural da cidade do Rio de Janeiro. A iniciativa consiste na organização de um passeio cultural pelo centro histórico do Rio de Janeiro, realizado em um sábado, das 10h às 14h, acompanhado por uma guia turística especializada. Intitulado "Rio Antigo", o passeio visa explorar a "formação cultural da cidade nos períodos colonial, imperial e da Primeira República, bem como suas interações com os saberes psi".

Durante o passeio, os participantes têm a oportunidade de visitar locais significativos que contextualizam esses períodos históricos, estimulando uma reflexão crítica sobre a realidade social, política e histórica contemporânea. Os relatórios produzidos pelos alunos após a visita frequentemente demonstram um envolvimento profundo com o passeio, evidenciando análises sensíveis e contextualizadas. Este componente adicional não apenas enriquece o aprendizado acadêmico dos estudantes, mas também proporciona uma experiência prática enriquecedora, permitindo uma compreensão mais ampla e integrada da história cultural e psico-

lógica da cidade do Rio de Janeiro.

Ao final da disciplina, os alunos demonstram estar adequadamente preparados para desenvolver uma visão integrada da história da psicologia. A estrutura curricular, que abrange a evolução da psicologia desde a Idade Média até o Brasil Imperial, aliada a métodos de avaliação que incluem seminários, resenhas críticas e visitas culturais, contribui significativamente para a formação historicizada dos estudantes. Essas experiências permitem uma compreensão aprofundada das transformações teóricas e metodológicas da psicologia ao longo dos séculos, contextualizando-as no cenário histórico e cultural brasileiro.

No 2º período, a disciplina *Psicologia do Século XX à Contemporaneidade* dá continuidade ao curso do semestre anterior, conforme ementa que consta na Tabela 2:

Tabela 2

Ementa da disciplina "Psicologia do Século XX à Contemporaneidade"

Disciplina: Psicologia do Século XX à Contemporaneidade

Carga 60h

Horária:

Ementa: A Psicologia aplicada e o comportamentalismo nos Estados Unidos e seus reflexos em São Paulo. O movimento gestaltista. A Fenomenologia no Rio de Janeiro. A Psicanálise: do núcleo original vienense à difusão. A Psicanálise nas primeiras décadas do século XX no Brasil: a questão racial, a higiene social. A industrialização brasileira, o movimento dos testes e a Psicologia do Trabalho. A regulamentação da profissão de psicólogo e dos cursos de Psicologia no Brasil. A crise da Psicologia. A difusão da Psicanálise no Rio de Janeiro. A Psicologia Clínica e suas diversas abordagens. O movimento institucionalista. O movimento antipsiquiátrico e da saúde mental. A luta antimanicomial no Brasil. A teorização sobre a subjetividade e produção de subjetividade. A aproximação da Psicologia com as disciplinas da ciência social. Os novos campos de prática.

Objetivos: * Compreender a diversidade teórico-metodológica e prática da Psicologia, bem como o caráter múltiplo da disciplina.

O conteúdo programático se distribui em duas unidades de ensino:

- I. As *Psicologias do século XX e seus múltiplos contextos*, discutindo sobre a psicologização da vida e da sociedade no século XX e as múltiplas teorias e sistemas psicológicos desenvolvidos no século XX, tais como a psicanálise,

o behaviorismo, o gestaltismo e o humanismo, com especial atenção à sua recepção no Brasil;

II. *Psicologia como Ciência e Profissão no Brasil*, abordando a trajetória histórica da Psicologia no Brasil, passando por: os primeiros laboratórios, a autonomização da Psicologia, a construção dos campos clássicos de atuação profissional (escola, trabalho e clínica), a regulamentação da profissão, a expansão do campo psi com novas áreas, novos objetos e novas teorias. Discute-se ainda a história da Psicologia Social no Brasil e na América Latina, a Reforma Psiquiátrica, o desenvolvimento da Psicologia Comunitária e os estudos sobre relações raciais na trajetória da Psicologia no Brasil.

Com respeito às referências bibliográficas adotadas no segundo período, assim como no semestre anterior, há um livro-texto principal (Ferreira & Portugal, 2006) e capítulos e artigos adicionais, tais como: Amarante (1995), Freitas (2007), Jacó-Vilela (2021), Mancebo (1999), Martin-Baró (1997/1985), Portugal & Castro (2018), Rose (2008), Schucman & Martins (2017). Optamos novamente pelo mesmo formato de avaliações, alterando apenas as temáticas abordadas, com base no novo conteúdo da disciplina. O objetivo segue o de promover o desenvolvimento de competências acadêmicas e o raciocínio crítico dos estudantes. As resenhas dão continuidade à proposta da disciplina anterior de qualificar a escrita dos estudantes. Observa-se também maior amadurecimento da escrita em comparação ao semestre anterior. A habilidade aprimorada na elaboração de textos acadêmicos reflete não apenas um crescimento técnico na apresentação do conteúdo, mas também uma maior profundidade na análise crítica e na contextualização dos temas abordados.

Nos últimos anos, debates internos no curso de Psicologia da UERJ – que ganharam força também no processo de reforma curricular que segue em desenvolvimento – apontam para uma expansão significativa da presença curricular de perspectivas que questionem o eurocentrismo predominante da ciência psicológica e tragam análises sobre populações anteriormente marginalizadas na Psicologia.

Em resposta a estas problematizações, desde a perspectiva de nossa disciplina, entendemos que um importante aporte que poderíamos contribuir seria com o seminário “Relações Raciais e História da Psicologia no Brasil”. Cada grupo fica responsável pela leitura e sistematização de uma apresentação sobre as contribuições acadêmicas de autoras e autores negros no campo *psi*, notadamente no que se refere ao racismo e seus impactos psicossociais, como Frantz Fanon, Virginia Leonie Bicudo, Alberto Guerreiro Ramos, Lélia González, Neusa Santos Souza e Maria Aparecida Bento.

Já o segundo trabalho em grupo, denominado “A Psicologia em Revista(s): Ontem e Hoje” envolve desenvolver a habilidade de trabalhar com fontes primárias. É proposta a busca bibliográfica de artigos em revistas do passado e do presente, com o objetivo de selecionar de três a cinco artigos de cada período sobre um

tema específico. A comparação é feita entre os sentidos presentes nos discursos psicológicos sobre esses temas ao longo do tempo. Para revistas do passado, os alunos são orientados a buscar artigos nos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* e nos *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, disponibilizados integralmente pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), abrangendo as décadas de 1940 a 1960. Como revistas contemporâneas, sugerimos a consulta em duas publicações criadas nos anos 1980 e ainda em circulação: *Psicologia & Sociedade*, editada pela Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), e *Psicologia: Ciência & Profissão*, editada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). Os temas específicos para pesquisa incluem: 1. Gênero; 2. Trabalho; 3. Sexualidade; 4. Raça/Etnia; 5. Loucura/Saúde Mental; 6. Infância/Juventude; 7. Personalidade/Identidade. Este trabalho tem como objetivo aprofundar a compreensão dos estudantes sobre a evolução dos discursos psicológicos em diversos contextos históricos e contemporâneos.

Tal como na disciplina anterior, em ambos os seminários, a turma é organizada em grupos, cada um focando em diferentes autores. Os alunos elaboram apresentações em slides sobre o tema, utilizando as referências indicadas, e as compartilham em pequenos grupos, com um representante de cada equipe. Os alunos demonstram engajamento tanto na elaboração dos slides quanto nas suas falas, estabelecendo conexões entre os temas discutidos e questões contemporâneas.

Também o passeio cultural versa sobre a temática das relações raciais. Seu itinerário comprehende o Circuito pela "Pequena África", que se estende pela zona portuária do centro da cidade do Rio de Janeiro. Este percurso abarca locais de extrema importância histórica, tais como o Cais do Valongo, reconhecido como o principal ponto de desembarque e comercialização de pessoas escravizadas durante o período colonial e imperial brasileiro. Além disso, o itinerário inclui uma visita ao Cemitério dos Pretos Novos, local de sepultamento de milhares de africanos recém-chegados ao Brasil e vítimas da crueldade da escravidão. Durante o Circuito pela "Pequena África", os participantes têm a oportunidade de explorar locais significativos, estimulando uma reflexão crítica sobre a realidade social, política e histórica do Brasil. Após o passeio, os relatórios elaborados pelos participantes demonstram um profundo engajamento e contextualização com os temas abordados. Consideramos que essas atividades não apenas enriquecem o aprendizado acadêmico dos envolvidos, mas também proporcionam uma experiência prática enriquecedora, permitindo uma compreensão mais ampla e integrada da história cultural e social da cidade do Rio de Janeiro.

A partir das atividades desenvolvidas ao longo da disciplina, observamos que os alunos ampliaram sua compreensão integrada da história da psicologia ou, no dizer de Seixas et al. (2013), o seu *historical thinking* (pensar historicamente), definido por tais autores a partir de seis aspectos, a saber: 1) Capacidade de estabelecer significância histórica; 2) Utilização de fontes primárias como evidências;

3) Identificação de continuidades e rupturas; 4) Análise de causa e consequência; 5) Tomada de perspectivas históricas; 6) Compreensão das dimensões éticas de interpretações históricas.

Os trabalhos em grupo, em especial, não só incentivaram o uso das informações oferecidas em aula, mas também estimularam a pesquisa, leitura e análise de fontes primárias, contribuindo para a historicização de discursos psicológicos em diferentes temporalidades - o que julgamos fundamental, pois possibilita ao estudante questionar dos pontos de vista epistêmico, ético e político os discursos psicológicos produzidos no presente. Além disso, a disciplina abrange desde os sistemas e teorias do século XX até as questões contemporâneas no Brasil, proporcionando aos estudantes um horizonte histórico mais amplo. Aliado às atividades práticas, seminários e visitas culturais, o curso promove o desenvolvimento de competências acadêmicas e críticas, enriquecendo o aprendizado ao integrar perspectivas históricas e sociais, com ênfase especial nas relações étnico-raciais e de gênero.

Reflexões a partir da experiência

O relato enfatiza a importância da participação de docentes e discentes em estágio docente nas disciplinas de História da Psicologia para a formação de psicólogos. Este envolvimento destaca a necessidade crucial do contato com psicólogos(as)-historiadores(as) e da inclusão de disciplinas que abordem considerações históricas. É ressaltada a necessidade de que tais disciplinas sejam conduzidas por professores com formação específica em História da Psicologia, uma lacuna evidente devido à falta de programas de pós-graduação stricto sensu dedicados a essa área no Brasil, o que resulta na escassez de profissionais qualificados para ensinar aspectos históricos nos cursos de graduação em Psicologia.

No tocante à pós-graduação, cabe ressaltar que embora não tenhamos na UERJ uma formação estritamente voltada para a História da Psicologia, o PPGPS contempla a formação de psicólogos(as)-historiadores(as) na Linha 2 do programa: *Psicologia social, história e questões contemporâneas*.

Essa problemática da formação docente se reforça ao compreendermos os impactos causados por uma aproximação incorreta do campo histórico. As disciplinas *Emergência e Constituição da Psicologia Científica* e *Psicologia do Século XX à Contemporaneidade* representam uma das poucas oportunidades ao longo da formação por meio da qual o aluno de graduação comprehende os processos históricos da Psicologia. As disciplinas posteriores retornam contextualizações históricas, mas sem o aprofundamento e precisão necessárias. É comum que elementos históricos se tornem parte de trabalhos individuais ou em grupo, ou que sejam abordados de forma rápida e superficial, quando não omitidos, havendo ainda o risco de serem repassadas informações distorcidas, sem revisão e atualização, ou consonância com os acontecimentos reais.

Apesar da ausência de formação específica em História da Psicologia, fre-

quentemente encontramos psicólogos(as)-historiadores(as) no campo acadêmico. Esses profissionais, formados em Psicologia, dedicam-se ao estudo e à investigação da história da disciplina. Vaughn-Johnson et al (2009) detalham os requisitos necessários para se tornar um psicólogo-historiador. Os autores enumeram várias atividades essenciais para a formação nesse campo, incluindo: formação em História da Psicologia, que pode ser autodidata, realizada sob a mentoria de um profissional experiente, por meio de um curso de pós-graduação ou pós-doutorado; leitura de livros, capítulos de livros e artigos científicos sobre práticas, teorias e métodos de pesquisa histórica; filiação a sociedades profissionais de história da psicologia; publicação em periódicos especializados; e consulta a arquivos para acesso a fontes primárias.

Neste contexto, compreendemos que a formação e o ensino em História da Psicologia, especificamente a formação de psicólogos(as)-historiadores(as) conforme descrito anteriormente, são viabilizados pela cooperação entre três entidades principais: a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ (PPGPS-UERJ) e, em particular, o Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché. Localizados na UERJ, tanto o programa de pós-graduação quanto o laboratório desempenham um papel fundamental na formação de psicólogos(as)-historiadores(as) ao fornecer estudos e práticas tanto para estudantes de graduação quanto de pós-graduação.

Essas atividades incluem: a) o Grupo de Estudos do Laboratório Clio-Psyché que reúne semanalmente discentes de graduação e pós-graduação para discutir temas relacionados à História da Psicologia e temáticas afins; b) projetos de pesquisa, como "Da Psicologia Aplicada à Popularização da Ciência: Emilio Mira y López na imprensa (anos 1940-1960)" e "Arquivos Clio-Psyché: organização, catalogação e digitalização de arquivos em História da Psicologia", atualmente em curso; c) projetos de extensão: além do já mencionado "Cine Clio-Psyché", temos o projeto "História da Psicologia nas redes: o canal Clio-Psyché no Youtube como ferramenta de divulgação científica", que divulga o conhecimento em História da Psicologia nas redes sociais do Laboratório no Facebook, Instagram e Youtube; d) reuniões quinzenais dos estudantes de pós-graduação, discutindo temáticas teóricas e metodológicas em comum aos projetos em curso, além de outros temas relevantes para a formação de pesquisadores.

Em território brasileiro, os psicólogos-historiadores têm a oportunidade de se filiar à Sociedade Brasileira de História da Psicologia (SBHP), uma associação científico-cultural sem fins lucrativos fundada em 18 de outubro de 2013. Seus objetivos primordiais são congregar profissionais, pesquisadores e estudiosos envolvidos com pesquisa ou ensino em História da Psicologia; promover e apoiar estudos e pesquisas nessa área, fomentando a cooperação entre grupos de pesquisa; estimular abordagens interdisciplinares e facilitar o intercâmbio com sociedades similares, tanto nacionais quanto internacionais, para enriquecer a participação de

especialistas de áreas correlatas.

Além disso, a SBHP visa promover a crítica e o pluralismo teórico dentro da História da Psicologia, refletido em suas atividades e produções. A sociedade também se dedica a fomentar diversas formas de divulgação e disseminação dos avanços na pesquisa histórica da Psicologia, incluindo a publicação dos resultados de estudos relevantes. Por meio da organização de eventos, seminários, cursos e outras iniciativas similares, a SBHP promove a interação entre seus membros e colabora com associações congêneres para a atualização do conhecimento e a troca de experiências na área.

A presença da História como linha de pesquisa em um programa de pós-graduação em Psicologia Social, juntamente com as atividades realizadas no Laboratório Clio-Psyché e a experiência adquirida por meio do estágio docente em disciplinas de História da Psicologia, desempenha um papel crucial na formação de psicólogos(as)-historiadores(as). Esse enfoque histórico não apenas enriquece a formação acadêmica, mas também promove uma Psicologia que leva em consideração seu contexto histórico, permitindo uma compreensão mais profunda e contextualizada dos fenômenos psicológicos.

Além disso, a experiência nas disciplinas de História da Psicologia revela um ponto de inflexão importante: o perfil dos alunos de graduação e os impactos nas estratégias de ensino e avaliação. Compreender as características, interesses e necessidades dos estudantes é fundamental para desenvolver metodologias de ensino mais eficazes e avaliações que refletem de maneira justa o aprendizado.

Considerando que a disciplina “Emergência e Constituição da Psicologia Científica” é uma matéria do primeiro período, é comum que a turma seja composta majoritariamente por alunos recém ingressantes na graduação em Psicologia, podendo haver alunos de períodos acima. Mudanças no perfil discentes também são observadas entre turnos, visto que, na UERJ, o curso de Psicologia é oferecido em dois turnos – o vespertino e o noturno.

Podemos notar que a turma do curso vespertino é mais jovem em idade, recém-saída do ensino médio, em sua maioria. Enquanto, no curso noturno, as idades variam, com alunos de faixas etárias diversas, contemplando pessoas que não necessariamente saíram recentemente do ensino médio. É comum que o curso noturno atraia pessoas que trabalham em horário comercial, por exemplo, ou que estejam em processo de transição de carreira, já tendo passado por alguma graduação. Esses fatos são interessantes de se observar considerando que influem no caminhar da disciplina. Conforme avançamos no cronograma, é possível observar aqueles que já passaram por alguma formação anterior ou não, a partir dos questionamentos trazidos, as dúvidas e/ou entraves relatados. De forma geral, a docência para o público mais jovem, quanto para o mais velho, traz suas facilidades e desafios particulares.

Portanto, para que o ensino e a formação em Psicologia sejam realmente

significativos, é essencial que estejam situados no espaço-tempo. Isso significa reconhecer e integrar os contextos históricos, sociais e culturais em que os estudantes e os fenômenos psicológicos estão inseridos. Somente assim é possível formar profissionais capazes de atuar de maneira crítica e reflexiva, adaptando-se às demandas e desafios contemporâneos da Psicologia.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, buscamos demonstrar a importância da formação e do ensino da História da Psicologia no Brasil, destacando especialmente a formação de psicólogos na graduação e pós-graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a qual tem se empenhado em oferecer uma formação integrando perspectivas históricas, culturais e sociais, visando a preparação dos alunos para uma atuação profissional crítica e contextualizada. Esse compromisso é amplamente representado pelo Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché que tem desempenhado um papel fundamental na promoção de um ensino que valoriza a compreensão dos processos históricos que moldaram a psicologia, contribuindo para a formação de psicólogos(as)-historiadores(as) capacitados a refletir sobre as raízes e as transformações da disciplina.

Através das atividades propostas, como seminários, resenhas e passeios culturais, foi possível observar uma evolução significativa na capacidade crítica e na qualidade da escrita dos alunos. Essas atividades proporcionaram um desenvolvimento técnico e analítico dos alunos, ao passo que promovem um aprendizado acerca da história da Psicologia no Brasil. Ao introduzirmos temas historicamente marginalizados, como por exemplo, as cosmogonias africanas, bem como, a inclusão de autores negros como Frantz Fanon e Lélia Gonzalez, enriquecemos o escopo curricular permitindo uma compreensão mais ampla da dimensão psicossocial do racismo e de outras questões sociais. Essas abordagens contribuíram para um ambiente de aprendizado mais inclusivo e diversificado, essencial para a formação de profissionais de Psicologia capazes de atuar em uma sociedade plural e complexa.

Em síntese, é imperativo sublinhar a relevância da inclusão de psicólogos(as)-historiadores(as) no currículo de História da Psicologia nos programas de graduação em Psicologia. Além disso, é essencial enfatizar o papel crucial desempenhado pelo Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché como um espaço acadêmico dedicado não apenas ao ensino, mas também à pesquisa avançada em História da Psicologia.

Referências

- Alberti, S. (1999). História da Psicologia no Brasil – Origens Nacionais. In A. M. Jacó-Vilela, F. Jabur, & H. B. C. Rodrigues (Orgs.), *Clio-Psyché: Histórias da Psicologia no Brasil* (pp. 237-246). NAPE/UERJ.

Amarante, P. (1995). *Loucos pela Vida: a trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil*. Ed.Fiocruz.

Antunes, M. A. M. (1989). Psicologia e história: uma relação possível? Ou psicologia e história: uma relação necessária!. *Psicologia e Sociedade*, 4 (7), 30-36.

Araújo, S. de F. (2009). Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. *Scientiae Studia*, 7(2), 209-220. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200003>

Bastos, A. V. B., Tourinho, E. Z., Yamamoto, O. H., & Menandro, P. R. M. (2011). Réplica 1 - formar docentes: em que medida a Pós-Graduação cumpre esta missão?. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(6), 1152-1160. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000600011>

Conselho Federal de Educação - CFE. Parecer 977, de 3 de dezembro de 1965. *Revista Brasileira de Educação*, n. 30, p. 162-173, set./dez.2005.

Conselho Nacional de Educação. (2023). Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de outubro de 2023. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília. Recuperado em 05 de julho de 2024, de <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2023-pdf/252621rces001-23/file>

Figueiredo, L. C. (2007). *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)* (7a ed.). Educ.

Flores, F. M. H., Rodrigues, B. S., Sales, A. C., Edges, F. H. N., Miranda, R. L., & Branco, P. C. (2020) Reflexões sobre a disciplina de história da psicologia no estado do Mato Grosso do Sul. *Psicologia da Educação*, (51), 22-30. <https://doi.org/10.23925/2175-3520.2020i51>

Freitas, M. F. Q. (2007). Psicologia na comunidade, Psicologia da comunidade e Psicologia (Social) Comunitária. Práticas da Psicologia em comunidade das décadas de 60 a 90, no Brasil. In R. H. Freitas (Org.), *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. (13a ed., pp. 54-80). Vozes.

Gould, S. J. (1991). *A falsa medida do homem*. Martins Fontes.

Jacó-Vilela, A. M. (2001). Concepções de pessoa e a emergência do indivíduo moderno. *Interações*, VI(12), 11-39. Recuperado em 01 de julho de 2024, de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35461202>

Jacó-Vilela, A. M., Ferreira, A. A. L., & Portugal, F. T. (Orgs.). (2006). *História da psicologia: rumos e percursos*. Nau.

Jacó-Vilela, A. M., Barbosa, C. F., Messias, M. C. N., & Degani-Carneiro, F. (2019) Que psicólogos queremos formar? (Trans)formações do currículo do curso de Psicologia da UERJ. In A. M. Jacó-Vilela (Org.) *Psicologia na UERJ: 45 anos*

de histórias (2a ed.). Eduerj.

Jacó-Vilela, A. M., Degani-Carneiro, F., Vasconcellos, M. A. G. N. T., & Espírito Santo, A. A. (2022). História da Psicologia: construindo narrativas por meio de análise de documentos e outras fontes. In A. B. Soares, M. E. M. Jardim, C. A. C. Medeiros, M. L. R. Silva, P. R. S. S. Alves, & R. Ribeiro (Orgs.), *Metodologia Qualitativa: técnicas e exemplos de pesquisa* (pp. 17-37). Appris.

Jacó-Vilela, A. M. (2021). Trajetórias da Psicologia no Brasil: conciliações e resistências. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 38. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2021.36485>

Jacó-Vilela, A. M., Degani-Carneiro, F., Vasconcellos, M. A. G. N. T., & Espírito Santo, A. A. (2022). História da Psicologia: construindo narrativas por meio de análise de documentos e outras fontes. In A. B. Soares, M. E. M. Jardim, C. A. C. Medeiros, M. L. R. Silva, P. R. S. S. Alves, & R. Ribeiro (Orgs.), *Metodologia Qualitativa: técnicas e exemplos de pesquisa* (pp. 17-37). Appris.

Jacó-Vilela, A. M., & Degani-Carneiro, F. (2024). Clio e Psyché vão à sala de aula: o ensino de História da Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. In R. L. L. Batista & C. Lhullier (Orgs.), *Experiências de ensino de História da Psicologia em contexto brasileiro* (pp. 76-106). Editora do Portal História da Psicologia. <https://doi.org/10.5281/zenodo.13900662>

Joaquim, N. de F., Boas, A. A. V., & Carrieri, A. de P. (2013). Estágio docente: formação profissional, preparação para o ensino ou docência em caráter precário?. *Educação E Pesquisa*, 39(2), 351-365. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000200005>

Loureiro, I. R. B., & Baptista, M. T. D. da S. (2007). A história da psicologia como disciplina de mestrado: relato de uma experiência. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 12, 143-151. Recuperado em 01 de julho de 2024, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6716>

Machado, J. F. V. (2022) A trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá na Teoria das Representações Sociais [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Recuperado em 01 de julho de 2024, de <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/21661>

Mancebo, D., & Rieche, E. C. (Orgs.). (1998). *O curso de psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: a história possível*. UERJ/NAPE.

Mancebo, D. (1999). Formação em Psicologia: gênese e primeiros desenvolvimentos. In A. M. Jacó-Vilela, F. Jabur, & H. B. C. Rodrigues (Orgs.), *Clio-Psyché: Histórias da Psicologia no Brasil* (pp. 93-120). NAPE/UERJ.

Mancebo, D. (2016). *Da gênese aos compromissos: uma história da UERJ (1950-1978)* (2a ed.). Eduerj.

Martin-Baró, I. (1997). O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1), 7-27. (Texto original publicado em 1985). <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n1/a02v2n1>

Matos, R. L. (2011). Modos de ensinar e conhecer História da Psicologia. *Frac-tal: Revista de Psicologia*, 23(3), 625-640. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922011000300012>

Mota, A. M. D. G. F., Cara, B. dos S., & Miranda, R. L. (2018). História da Psi-cologia, por quê?. *Estudos e Pesquisas Em Psicologia*, 18(4), 1049-1067. <https://doi.org/10.12957/epp.2018.42222>

Portugal, F. T., Facchinetti, C., & Castro, A. C. (2018). *História Social da Psicologia* (Cap. 1, pp. 11-21). Nau.

Rosa, A.; Huertas, J.A. & Blanco, F. (1996). *Metodología para la Historia de la Psicología*. Madrid: Alianza.

Rose, N. (2008). Psicologia como uma ciência social. *Psicologia & Sociedade*, 20(2), 155-164. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000200002>

Rudá, C., Patiño, R. A., & Silva, G. A. da. (2024). O papel dos fundamentos epistemológicos e históricos para a formação do psicólogo atuante em polí-ticas sociais. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 41, e41907. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2024.41907>

Santos, I. O. (2024). *O lugar da Psicologia Social no Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1971-2005)*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital Bra-sileira de Teses e Dissertações. Recuperado em 01 de julho de 2024, de <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/22242>

Schucman, L. V., & Martins, H. V. (2017). A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do "Objeto da Ciência" ao Sujeito Político. *Psicologia: Ciência E Pro-fissão*, 37(spe), 172-185. <https://doi.org/10.1590/1982-3703130002017>

Schwarcz, L. M. (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. Companhia das Letras.

Seixas, P.; Morton, T.; Colyer, J.; Fornazzari, S. (2013). *The big six: Historical thinking concepts*. Nelson Education.

Silva, L. X. B. (2020). *Formação em psicologia: O caso da história da psicologia*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Recuperado em 01 de julho de 2024, de <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/46309>

Tourinho, E. Z. & Bastos, A. V. B. (2010). Desafios da pós-graduação em Psicologia no Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 35-46.

<https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000400005>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2023) DataUERJ: Anuário estatístico do Núcleo de Informação e Estudos de Conjuntura. Recuperado em 05 de julho de 2024, de http://www2.datauerj.uerj.br/pdf/DATAUERJ_2023.pdf

Vaughn-Blount, K., Rutherford, A., Baker, D., & Johnson, D. (2009). History's Mysteries Demystified: Becoming a Psychologist-Historian. *The American Journal of Psychology*, 122(1), 117–129. Recuperado em 01 de julho de 2024, de <http://www.jstor.org/stable/27784381>

Yamamoto, O. H. (2006). Graduação e Pós-Graduação em Psicologia: relações possíveis. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 3(6). <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2006.v3.110>

Nota sobre os(as) autores(as)

José Felipe Vitor Machado é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, doutorando no PPGPS da UERJ e integrante do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché/UERJ. E-mail: jose.machado.psi@outlook.com

Anna Caroline Pott é mestrandona em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (2024-atual). Cursando Psicologia na UERJ (2023-atual). Mestra em Estudos Marítimos pela Escola de Guerra Naval (PPGEM-EGN), com pesquisa voltada para a área de inteligência artificial (2019). Pesquisadora-Bolsista do Clube Naval, com pesquisa na área de Ciência, Tecnologia e Inovação (2016-2018). Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016). Participante do Laboratório Estudar, projeto realizado pela Fundação Estudar na cidade de São Paulo que contou com a seleção de sessenta jovens com alto potencial transformador (2013). E-mail: annacpott.psi@gmail.com

Filipe Degani-Carneiro é professor do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP/UERJ), onde é Coordenador Adjunto do Laboratório de História e Memória da Psicologia CLIO-PSYCHÉ, Chefe do Departamento de Psicologia Social e Ciências Humanas e Sociais (2022-2024), Coordenador de Extensão do IP-UERJ, Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS), Editor Associado da revista Estudos e Pesquisas em Psicologia. Pricientista da UERJ. Conselheiro do XVII Plenário (2022-2025) do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-RJ) Presidente (2023-2025) da Sociedade Brasileira de História da Psicologia (SBHP) e seu representante no Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB). Coordenador da Rede Iberoamericana

de Pesquisadores em História da Psicologia (RIPeHP). Doutor em Psicologia Social (2017), Mestre em Psicologia Social (2013), Psicólogo (2010) e Licenciado em Psicologia (2010) pela UERJ. E-mail: filipe.degani@gmail.com

Data de submissão: 22.07.2024

Data de aceite: 29.10.2024